



Simone A. G. Costa NASCIMENTO*

 <https://orcid.org/0009-0009-7842-6689>

Hugo Leonardo Pereira RUFINO**

 <https://orcid.org/0000-0001-7687-3375>

Recebido em: 26 de agosto de 2024.

Aprovado em: 19 de maio de 2025.

CONSUMO OU CONSUMISMO EIS A QUESTÃO! EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO

RESUMO

A Educação Financeira - EF é uma temática essencial no ambiente escolar, considerando o crescente endividamento entre adolescentes no Brasil. Este estudo, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - ProfEPT, teve como objetivo promover a prática da EF por meio de uma oficina educativa voltada para o consumismo. A pesquisa utilizou uma abordagem quali-quantitativa, envolvendo questionários aplicados a estudantes do 2º ano do Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Administração do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM. Foram avaliados os conhecimentos prévios dos estudantes e os adquiridos após a realização da oficina, com foco em estratégias para o consumo consciente e a gestão financeira pessoal. O método consistiu em um levantamento inicial de dados por meio de questionários, seguido pela aplicação de uma oficina pedagógica. Como resultado, desenvolveu-se uma cartilha eletrônica como produto educacional, destinada a ser utilizada como referência para o aprendizado contínuo. Os resultados indicaram que a EF pode ser introduzida de forma eficaz na adolescência, promovendo mudanças significativas na percepção e no comportamento financeiro dos estudantes. Além disso, observou-se uma melhoria na capacidade dos estudantes em planejar e controlar seus gastos. Conclui-se que a EF, ao ser trabalhada no ambiente escolar, contribui para a autonomia financeira e para o consumo consciente, com impactos positivos na qualidade de vida dos estudantes e na sua preparação para os desafios do mercado de trabalho. Este estudo reforça a importância de iniciativas educacionais voltadas para o desenvolvimento de competências financeiras desde a juventude.

Palavras-chave: educação financeira; consumismo; endividamento; ensino médio integrado.

CONSUMPTION OR CONSUMERISM: THAT IS THE QUESTION! FINANCIAL EDUCATION FOR INTEGRATED SECONDARY EDUCATION

ABSTRACT

Financial literacy (FL) is a crucial topic in the educational context, especially considering the increasing level of indebtedness among Brazilian teenagers. This study, conducted within the framework of the Graduate Program in Professional and Technological Education – National Network (ProfEPT), aimed to foster the practice of FL through an educational workshop focused on consumerism. A qualitative-quantitative approach was adopted, using questionnaires administered to second-year students enrolled in the Integrated High School with a Technical Course in Administration at the Federal Institute of the Triângulo Mineiro (IFTM). The students' prior knowledge and learning outcomes after the workshop were assessed, with emphasis on strategies for conscious consumption and personal financial management. The methodology included an initial data survey via questionnaires, followed by the implementation of the pedagogical workshop. As an educational product, a digital booklet was developed to serve as a reference for ongoing learning. Results showed that FL can be effectively introduced during adolescence, leading to significant improvements in students' financial awareness and behaviors. Moreover, students demonstrated enhanced abilities to plan and manage their personal expenses. The study concludes that financial literacy, when integrated into the school setting, promotes financial autonomy and conscious consumption, yielding positive effects on students' quality of life and their preparedness for labor market challenges. These findings reinforce the importance of early educational initiatives aimed at developing financial competencies from youth.

Keywords: financial literacy; consumerism; indebtedness; integrated high school; youth education.

* Mestrado do Programa Stricto Sensu/Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do Instituto Federal de Ciência e Educação do Triângulo Mineiro – IFTM / Camos Avançado Uberaba Parque Tecnológico. Graduada em Administração pela Universidade de Uberaba – UNIUBE, Administração pública pela Universidade de Uberlândia - UFU e Pós-Graduada em Gestão Pública pela faculdade Cândido Mendes. e-mail: simoneguimaraesadm25@gmail.com

** Docente do IFTM Campus Uberaba/MG, e do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - PEBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM / Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico. Docente do Programa Stricto Sensu / Mestrado Profissional em Educação Tecnológica. Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. e-mail: hugo@iftm.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Educação Financeira - EF é uma temática ainda pouco discutida no ambiente escolar brasileiro, embora seja essencial para a formação de indivíduos mais conscientes e preparados para lidar com questões econômicas. Muitos jovens crescem sem acesso a conceitos básicos de EF, o que pode resultar em práticas financeiras inadequadas e altos índices de endividamento na vida adulta. De acordo com Flores, Vieira e Coronel (2013), a EF, nos moldes atuais, é relativamente nova nas escolas brasileiras, embora conceitos relacionados tenham sido introduzidos em disciplinas como matemática financeira desde a década de 1950.

A história da EF pode ser dividida em três fases principais. Inicialmente, a orientação de investimentos era direcionada exclusivamente a consumidores com renda disponível. Com a estabilização monetária no Brasil na década de 1990, houve um aumento na oferta de crédito e, conseqüentemente, na inadimplência. Esse contexto evidenciou a necessidade de educar financeiramente a população, promovendo o consumo consciente e a gestão responsável de recursos. Nos anos 2000, o Banco Central do Brasil criou a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, consolidando a EF como uma prioridade educacional no país. Essa iniciativa promoveu ações em escolas e comunidades, incluindo temas como planejamento financeiro e consumo consciente (Bacen, 2011).

Com a crescente facilidade de acesso ao crédito e o aumento do consumismo, a necessidade de educar financeiramente os jovens tornou-se ainda mais evidente. Estudos como os Giannetti (2005) e Silva (2014) apontam que a EF pode proporcionar autonomia e controle financeiro, além de influenciar positivamente a qualidade de vida dos indivíduos. Buffett (2022) destaca a importância de estratégias financeiras simples, como "gastar o que sobra depois de economizar".

Neste contexto, a EF no ambiente escolar surge como uma estratégia indispensável para preparar os estudantes para desafios financeiros futuros. Este artigo tem como objetivo discutir os resultados de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio Integrado, visando estimular a prática da EF por meio de uma oficina educativa focada no consumismo. A partir da análise das respostas dos estudantes, foi possível desenvolver um produto educacional em forma de cartilha eletrônica, voltada para a promoção da EF.

As próximas seções detalham o referencial teórico utilizado, os procedimentos metodológicos adotados, a análise dos resultados obtidos e as discussões realizadas. Por fim, apresentam-se as contribuições, limitações e recomendações para futuros estudos na área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A História da Educação Financeira - EF

A contextualização da EF iniciou no século XX, durante a era Progressista nos Estados Unidos na qual houve um esforço para promovê-la nas escolas que ensinavam noções de economia, poupança e investimento.

Após, na década de 1920 a 1940, durante a crise econômica no mesmo país, as instituições financeiras identificaram a necessidade de disseminação da EF visando a sua própria proteção e, nas décadas de 1950 a 1970, com o fim da crise, essa deixou de ser trabalhada para o conhecimento do público das instituições financeiras e voltou novamente o foco para a educação escolar, por meio dos ensinamentos nos cursos de economia nas Universidades e, nesse momento, foram criadas as escolas de negócios, porém o acesso às informações continuava limitado (Bacen, 2011).

De 1980 a 1990, com a estabilização, houve um crescimento no setor financeiro, então foi verificada novamente a necessidade de ampliação da propagação do tema entre os clientes, pois era preciso conscientizar sobre complexidades dos produtos financeiros.

Já em 2008, houve uma nova crise nos Estados Unidos, verificando-se a necessidade de expansão financeira para o mundo, momento em que muitos países implementaram iniciativas para promoção da EF, visando criar habilidades de decisões entre os indivíduos. Nesse período, Organizações internacionais abraçaram a causa devido a sua complexidade, como por exemplo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, incentivando os países a priorizarem a EF e compartilhando boas práticas financeiras, como elaboração de relatórios que auxiliavam os cidadãos a tomarem boas decisões e evitarem problemas financeiros, promoção de fóruns e conferências para que os países compartilhassem experiências e desenvolvessem estratégias e programas em conjunto para promoção da EF. Além, de estabelecer padrões e diretrizes internacionais para promoção da EF. De acordo com a OCDE:

A Educação Financeira pode ser definida como o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, e obtêm informação e instrução, desenvolvem habilidades e confiança, de modo a ficarem mais cientes sobre os riscos e oportunidades financeiras, para fazerem escolhas mais conscientes e, assim, adotarem ações para melhorar seu bem-estar (Bacen, 2011).

Pode-se definir um marco importante na trajetória da EF pelo mundo a partir das contribuições do economista e sociólogo Thorstein Veblen (1857-1929), que escreveu a obra: "A Teoria da Classe Ociosa" em 1899, na qual o autor faz análise sobre a sociedade de consumo e introduz o conceito de Consumismo denominado por ele como "Consumo Conspícuo". De acordo com Veblen, um dos grandes problemas do Consumismo é o fato dos indivíduos serem constantemente motivados a imitar os padrões de Consumo de outras pessoas, mesmo que isso leve a sérios problemas financeiros (Veblen, 1899). Nesse sentido, na "Teoria da Classe Ociosa", é relatado sobre a importância de se adquirir conhecimentos sobre finanças pessoais e gestão do dinheiro por todos.

No Brasil, a EF iniciou-se ao longo dos anos de 1990 quando o país passou por estabilização da moeda com a implementação do Plano Real e a abertura de mercados, sendo que esses eventos proporcionaram o acesso a novos créditos. Essa nova fase gerou, em parte da população, a necessidade de adquirir conhecimentos da complexidade financeira, as formas de acesso aos créditos e a importância de poupar e investir visando à estabilidade econômica.

Nos anos 2000, o Banco Central do Brasil - BACEN lançou o Programa de Educação Financeira - PEF, cujo objetivo era promover a EF nas escolas e comunidades. Porém, o marco mais específico no país pode ser verificado em 2010 com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira- ENEF que tem como objetivo a promoção da EF, uma iniciativa em conjunto do Ministério da Fazenda, BACEN, Comissão de Valores Mobiliários - CVM e Superintendência de Seguros Privados - SUSEP. Essas instituições elaboram, desde então, diversas ações e programas de EF e abordam temas como orçamento pessoal, investimento, endividamento e previdência social e têm como objetivo incentivar o consumo consciente.

2.2 O consumo e o consumismo

Ao relatar acerca da Educação Financeira, é importante discorrer sobre o consumo e o consumismo dentro da sociedade do consumo e como o domínio sobre os dois conceitos pode afetar positiva ou negativamente a vida dos indivíduos.

A definição dos conceitos de consumo e consumismo deve estar presente nos estudos sobre a EF, pois saber consumir de forma consciente, evitando o Consumismo, é fundamental para que se tenha uma boa saúde financeira. Ademais, deve-se estar ciente de suas consequências.

2.2.1 O consumo

Compreende-se a temática como um processo de conceitos e produtos financeiros, de forma que os seres humanos possam realizar boas escolhas e planejar suas finanças pessoais (Brasil, 2014), ou seja, é importante criar hábitos que possibilitem que o consumo seja realizado de forma consciente, dentro do necessário, sem cometer exageros.

O Código de Defesa do Consumidor define que o consumo é o ato de qualquer pessoa física ou jurídica que realiza uma compra ou usa mercadoria ou serviço como sendo o destinatário final. Como discorre Bauman (1999, p. 77) “[...]consumir é atividade inerente à humanidade, conduta atemporal e pré-requisito de subsistência humana[...]”. De acordo com o mesmo autor, o Consumo é tão antigo como os seres humanos (2008, p. 37).

A partir de 2004, com o aumento das complexidades da economia global, a diversificação dos produtos financeiros e o crescimento da oferta de produtos e serviços de diferentes modalidades como, por exemplo, o surgimento de novas marcas de roupas e calçados e novas tecnologias de celulares e computadores, gerenciar os recursos financeiros se torna cada vez mais uma tarefa muito importante para os indivíduos e as famílias.

Dessa forma, entende-se que a propagação da Educação Financeira é uma forma de capacitar os indivíduos para que tomem decisões de maneira responsável em relação aos seus recursos, de forma que se possa promover a estabilidade financeira, o que pode trazer diversos benefícios como: evitar o superendividamento e planejar a aposentadoria. Warren Buffett, um dos investidores mais bem-sucedidos que existe, escreveu, a respeito do conceito da Educação Financeira, a seguinte frase: “Não economize o que sobra depois de gastar, mas gaste o que sobra depois de economizar” (Buffett, 2022).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o consumo faz parte da existência do ser humano e serve para atender as necessidades básicas, porém, o ato de consumir além do necessário, de forma descontrolada, gera o comportamento viciante, o consumismo, que pode afetar a vida de uma pessoa financeiramente e emocionalmente de forma negativa e até patológica.

2.2.2 O consumismo

Conforme já citado, o conceito de consumismo foi criado por Thorstein Veblen, que o denominou de consumo conspícuo e refere-se ao hábito de fazer compras de produtos ou

serviços em excesso, por impulso e baseado em emoções de satisfação imediata, sem refletir a real necessidade da aquisição, ocasionando a compra de itens supérfluos e gastos desnecessários. Para o autor, o consumismo é quando se vai além do necessário sendo uma forma que o indivíduo utiliza para exibir algum status ou distinguir-se em um grupo social, ensejando mostrar algum prestígio, momento em que se perde o foco nas aquisições que são essenciais à subsistência e passam a consumir itens além de sua capacidade financeira (Veblen, 1899). Como exemplo, tem-se os indivíduos que gastam quantidade expressiva de dinheiro para adquirir itens de luxo (são produtos que possuem características como qualidade superior, design diferenciado e preço elevado) e de grifes (são aqueles que são vendidos atrelados a uma marca e que atende a um público específico o que faz que tenha agregado ao produto maior valor financeiro e emocional).

Ao definir que o consumismo é quando se extrapola na aquisição de bens ou serviços, Bauman (2008, p. 41) cita que: “O consumismo é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros”. O autor também qualifica que a sociedade líquido-moderna é demasiadamente consumista e que o comportamento falho do consumidor causa o superendividamento. O mesmo autor também relata que:

Na sociedade de consumo, os consumidores são usados pelos objetos, e não o contrário. Eles se tornam meros instrumentos das mercadorias que adquirem, um meio para o objetivo da autovalorização das mercadorias(...) O consumo compulsivo e a dependência do consumidor são, portanto, como características mais visíveis e tangíveis de dependência do consumismo (Bauman, 2007, p.17).

No Brasil, existe uma forte influência das classes sociais no Consumismo, pois, infelizmente, o país ainda é conhecido por suas disparidades econômicas de forma que o consumo afeta de forma diferente os indivíduos de acordo com a classe a que pertencem. Abaixo, serão demonstradas as classes sociais em ordem definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e a maneira como o Consumismo afeta os indivíduos pertencentes a elas:

- **Classe A:** Alta renda que possui acesso a uma gama de produtos de luxo, nessa classe o consumismo é utilizado como forma de expressar *status* e pertencimento ao um grupo seletivo.
- **Classe B1 e B2:** Na classe média, busca-se aproximar do padrão de vida da classe de alta renda. Dessa forma, consomem-se muitos bens duráveis como automóveis e eletrônicos, além de um grande consumo de produtos de moda, almejando-se o reconhecimento social.

- **Classe C1 e C2:** Conhecida como a nova classe média no Brasil, sendo os indivíduos pertencentes a classe C1 os que possuem renda moderada como pequenos comerciantes e servidores públicos de níveis mais baixos. Os pertencentes a essa classe enfrentam, em alguns casos, desafios econômicos em relação às necessidades básicas como moradia, alimentação e saúde.
- **Classe D:** Pertencem a ela pessoas de baixa renda com trabalhos informais e baixa qualificação profissional. Vivem em um ciclo de alto nível de endividamento difícil de romper.
- **Classe E:** É composta pelos desempregados, aposentados com renda mínima e possuem dificuldade até para atender as necessidades básicas, dependendo de programas sociais, em muitas das vezes (IBGE, 2023).

Giannetti (2005) diz que é essencial estimular a Educação Financeira desde cedo para que os indivíduos possam desenvolver habilidades financeiras sólidas ao longo da vida e também para que haja melhora na qualidade de vida e crescimento econômico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa utilizou uma abordagem quali-quantitativa para avaliar o impacto de uma oficina educativa sobre Educação Financeira, voltada para o consumismo. Segundo Nascimento (2016), esse tipo de estudo possibilita a busca de solução para uma situação em particular, pois possibilita maior interação com a realidade. Nesse sentido, a pesquisa buscou soluções para problemas enfrentados pelos estudantes ao praticarem hábitos consumistas, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos estudantes em relação ao uso do dinheiro, no presente e no futuro, quando estiverem inseridos no mercado de trabalho.

Sendo assim, ao utilizar a abordagem quali-quantitativa, foi possível interpretar e compreender os fatos, via análise do público-alvo, o universo em que estão inseridos, suas motivações e aspirações, além de ser possível realizar uma revisão bibliográfica para compreender como outros pesquisadores abordam a temática. Com a utilização de instrumento estatístico de questionário, foi possível analisar os dados coletados antes da elaboração do produto educacional para agir de forma mais assertiva e, após, para mensurar se os objetivos esperados foram atingidos, o que vai ao encontro de Silva (2014) ao afirmar que:

[...] a pesquisa quali-quantitativa é desenvolvida por meio de duas etapas: inicialmente, conduz-se a fase qualitativa no intuito de conhecer o fenômeno que se pretende compreender. E em seguida, procede-se à construção do questionário e sua aplicação. Por fim, realiza-se a tabulação e à análise dos dados com o auxílio de instrumentos (Silva, 2014).

A natureza da pesquisa é aplicada, na qual foi realizado um estudo com alunos do 2º ano do Ensino Médio Integrado - EMI ao curso Técnico em Administração do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM e foram avaliados os conhecimentos prévios dos estudantes e os adquiridos após a realização da oficina, com foco em estratégias para o consumo consciente e a gestão financeira pessoal. De acordo com Nascimento, existem diversas vantagens em utilizar a pesquisa aplicada sendo algumas delas:

- A metodologia que pode trazer insights valiosos para entender qual a compreensão do consumismo esses estudantes possuem;
- Como a pesquisa aplicada é voltada para encontrar soluções para problemas reais. Isso significa que os resultados da pesquisa serão diretamente aplicáveis no mundo real, em qualquer momento da vida;
- O conhecimento adquirido poderá resultar em novas ideias e tecnologias que poderão ser aplicadas na prática, levando a melhor qualidade de vida; (Nascimento, 2016).

3.2 Sujeitos da pesquisa

A amostra foi composta por 30 estudantes do 3º ano do EMI do curso de Técnico em Administração do IFTM – Campus Uberaba, selecionados de forma não probabilística, considerando sua disponibilidade e interesse em participar do estudo, quanto à escolha do público-alvo para aplicação da pesquisa, levou-se em consideração o perfil esperado do egresso no qual percebe-se que o conhecimento da EF será importante para a vida pessoal e profissional, pois o aluno está sendo preparado tanto para assistir à gestão de pessoas, quanto de materiais, tendo que lidar com fatores ligados à educação financeira em diferentes situações. Também, foi considerado o projeto pedagógico do curso, onde se nota o compromisso em formar cidadãos com autocontrole, empatia, que se proponham a solução dos problemas, tenham criticidade e também tenham valores morais e éticos.

Outro fator verificado foi o primeiro princípio da Educação Profissional e Tecnológica - EPT que é o preparo dos discentes para o exercício das profissões operacionais, técnicas e

tecnológicas com a perspectiva de inserção desses discentes no mercado de trabalho de acordo com a Resolução CNE/CP n.º 1 que define as diretrizes curriculares nacionais gerais para EPT (Brasil, 2021, p. 1). Corroborando com a escolha das turmas do 3º ano, Soares, Carvalho e Kipnis (2003) citam que, por terem recursos escassos, as políticas educacionais, priorizam a educação de estudantes de 7 a 14 anos, por isso a educação de jovens e adultos sempre ficou à margem desses, porém as novas demandas do mercado apontam a necessidade de indivíduos cada vez mais escolarizados para inserção e permanência na sociedade (Soares, Carvalho e Kipnis, 2003).

3.3 Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados em duas etapas principais:

- **Questionário Inicial:** Aplicado antes da realização da oficina, contendo questões baseadas na Escala de Likert para avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre Educação Financeira.
- **Oficina Educativa:** A oficina foi dividida em cinco etapas, abordando temas como história da EF, consumo consciente, planejamento financeiro e práticas para evitar o consumismo (Bacen, 2011).
- **Questionário Final:** Aplicado após a oficina para mensurar os conhecimentos adquiridos e as mudanças na percepção dos estudantes.

3.4 Análise de dados

Os dados qualitativos foram analisados por meio de categorização temática, enquanto os dados quantitativos foram tratados utilizando estatística descritiva (Silva, 2014). Esses métodos permitiram avaliar tanto as percepções quanto as mudanças comportamentais dos participantes.

3.5 Fluxograma do processo metodológico

Abaixo, apresenta-se um fluxograma resumindo as etapas do procedimento metodológico:

Planejamento da pesquisa → Seleção dos participantes → Aplicação do questionário inicial → Implementação da oficina educativa → Aplicação do questionário final → Análise e interpretação dos dados.

A abordagem integrada possibilitou a identificação de lacunas no conhecimento dos estudantes e a eficácia da Oficina como estratégia educacional (Nascimento, 2016).

4 PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional-PE é uma Oficina pedagógica, produzida em formato de Cartilha Eletrônica, para que possa ser utilizada e consultada no futuro pelos que se interessam pela temática. Vieira e Volquind conceituam a Oficina como sendo um tempo e um espaço para aprendizagem, um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto, um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer (Vieira; Volquind, 2002).

A utilização de Oficinas pedagógicas na sala de aula permite que se trabalhem diversos conteúdos que devem ser passados no dia a dia pelo docente de forma mais dinâmica, reflexiva e interdisciplinar, na medida em que possibilita o desenvolvimento de atividades com várias temáticas diferentes, facilitando também o aprendizado, pois visa à articulação de conceitos teóricos com a realidade vivenciada do aluno. Além de promover o trabalho em equipe para a realização de tarefas, isto é, utilizar as Oficinas pedagógicas como prática de ensino significa fazer uma junção entre a ação, a reflexão e a interação (Vieira e Volquind, 2002, p. 6).

Ainda de acordo com os autores, realizar uma Oficina como forma de ensino provoca os estudantes à ação e à produção, já que utiliza metodologia na qual se realizam procedimentos experimentais e ainda citam como vantagem a possibilidade de selecionar e organizar conteúdos de acordo com critérios pré-estabelecidos e de acordo com os interesses dos estudantes.

Assim, o PE intitulado: CONSUMO OU CONSUMISMO EIS A QUESTÃO! EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO foi desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional - ProfEPT do Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, o qual tem como finalidade a promoção da Educação Financeira entre os estudantes do EMI do curso Técnico em Administração.

Nesse sentido, com a intenção de contribuir com um recurso didático para trabalhar o tema Educação financeira, foi desenvolvida e aplicada a Oficina de Educação Financeira:

CONSUMO OU CONSUMISMO EIS A QUESTÃO! EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO, elaborada e ministrada na disciplina de Dinheiro, Oportunidades e Negócios, aos estudantes do 3º ano “D” e “E”, do Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Administração do Instituto Federal do Triângulo Mineiro no Campus Uberaba, com um tempo de 100 minutos (equivalente a duas horas/aulas da disciplina).

Para sua aplicação, foi necessária a utilização dos seguintes recursos: projetor, caixa de som, pincel atômico, cartolina, folha sulfite, caneta esferográfica ou lápis e bombons. Os materiais a serem utilizados foram levados pré-prontos: as cartolinas cortadas em formato de folha para dinâmica da árvore do conhecimento, as folhas sulfites cortadas em retângulos para o dinâmica carregando a carga do outro, além de bombons que serviram de brindes aos participantes. A Oficina foi dividida em 5 temas, conforme descrito no quadro 1:

Quadro 1 – Temas abordados durante a realização da Oficina de Educação Financeira

TEMAS ABORDADOS	TEMPO
<p>Tema 1 - A História da Educação Financeira Os assuntos abordados foram: A história da Educação Financeira no mundo e a história da Educação Financeira no Brasil. Falou-se sobre o período de surgimento, quais foram as motivações para que a temática fosse abordada nestes contextos e o local onde eram abordados.</p>	10 min.
<p>Dinâmica: Construindo uma árvore do conhecimento</p>	15 min.
<p>Tema 2 - Consumo X Consumismo Os assuntos abordados foram: Diferença entre necessidade e desejo. A importância do consumo consciente. Necessidade do controle das emoções nos momentos de consumo.</p>	10 min.
<p>Vídeo: O agir pelas emoções</p>	5 min.
<p>Tema 3 – Consumismo Os assuntos abordados foram: Crescimento do número de endividados no Brasil. Como evitar o endividamento. Consequências do Consumismo. Gatilhos para o Consumismo. O que contribui para compras por impulso e como evitar essas atitudes.</p>	10 min.
<p>Dinâmica: Carregando a carga do outro</p>	15 min.
<p>Tema 4 - Extremismo Financeiro Os assuntos abordados foram: O que é o extremismo financeiro. Como evitar o extremismo financeiro.</p>	5 min.
<p>Vídeo: Extremismo Financeiro</p>	8 min.
<p>Tema 5 - Planejamento Financeiro Os assuntos abordados foram: Transforme seus sonhos subjetivos em objetivos. Definição de metas. O hábito de entender a Educação Financeira em sua dimensão.</p>	10 min.
<p>Vídeo: Educação Financeira</p>	11 min.

Fonte: Dos próprios autores, 2023.

4.1 Desenvolvimento da oficina

Ao dividir a oficina em temas, foi possível criar sequência das temáticas de forma que se percebesse quando seria iniciado um novo assunto. Os estudantes foram bastante participativos em todo momento da oficina, seja propondo participar das atividades ou comentando sobre os assuntos abordados e alguns chegaram até a comparar o que estava sendo falando com a realidade em que estavam inseridos.

Durante a realização das atividades, foi possível ver que os estudantes as realizavam com muito boa vontade e tornavam o momento de grande aprendizado e descontração, sendo assim, possível concluir que as atividades cumpriam a finalidade de ensinar em forma de descontração. A decisão de inserir atividades escritas na Oficina, levou em consideração a pesquisa feita na Universidade de Toronto, que acompanhou 700 estudantes em Oficinas de escrita, que tinham por objetivo desenvolver o hábito de escrever sobre sonhos, projetos e metas, envolvendo, especialmente, jovens estereotipados como incapazes e que, majoritariamente, só desejavam obter boas notas e terminar bem a faculdade, essa pesquisa teve como resultado a melhoria das notas dos jovens que se dedicaram a escrever seus objetivos (Enef, 2018).

Quanto à inserção de vídeos curtos, por fazerem parte da rotina desta geração, verificou-se que foi possível reter a atenção dos estudantes, o que facilitou a compreensão dos assuntos propostos. É possível verificar que inserir vídeos nos contextos escolares possibilita a ligação entre os indivíduos, o conhecimento de diversas realidades e áreas do conhecimento. Moran diz que: “O vídeo combina a comunicação sensorial cinética, com a audiovisual, a intuição, com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional” (Moran, 1993, p.2).

Lima (2008), destaca que a oficina proporciona:

- a) Reflexão e troca de experiências: Isso implica num repensar, num confronto de diferentes realidades e teorização sobre o vivencial, ou seja, confrontar a prática com a teoria e avançar na construção coletiva do saber;
- b) Atuação efetiva dos participantes: Para se efetuar essa atuação, é fundamental participar com responsabilidade e compromisso da execução do trabalho coletivo;
- c) Produção coletiva.

4.2 Instrumentos de coleta de dados

A fim de obter informações para aplicação de forma eficiente da pesquisa e mensurar os resultados, foram aplicados questionários:

inicial de levantamento de dados. O modelo utilizado foi adaptado do questionário do site G1: “Faça o teste e descubra se você planeja e controla suas compras” e é constituído de 15 questões dividido em duas fases: Planejamento - questões de 1 a 7 e Controle - questões de 8 a 15. Na fase do planejamento, procurou-se verificar se os estudantes possuíam habilidades necessárias para realizar compras e se havia domínio sobre a temática do planejamento financeiro para entender de que modo deveria ser abordado na Oficina como realizar o Consumo Consciente e, na fase do controle, foi verificado dentre os participantes os que não conseguiam se controlar e possuíam o perfil consumista, os que poderiam ter ou não o perfil e os que não possuíam o perfil consumista.

Final de avaliação do Produto Educacional, foi aplicado um questionário que segue o princípio da Escala de Likert ou das somas dos escores e apresenta questões ao respondente, para que ele indique à medida que concorda ou discorda das questões levantadas.

Vieira (2009, p. 90) define 6 passos para construção de um questionário utilizando a Escala de Likert, para medir um conceito sendo:

- 1º passo: escreva uma série de itens (ou declarações) que, em sua opinião, podem dar medida do conceito.
- 2º passo: é preciso avaliar a capacidade de cada item para medir.
- 3º passo: determine quantos itens comporão o questionário.
- 4º passo: estabeleça quantas opções de resposta serão dadas a cada item.
- 5º passo: Atribua escores a cada alternativa de resposta.
- 6º passo: construa o questionário.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos mostraram uma mudança significativa nos conhecimentos financeiros dos estudantes após a realização da oficina. A análise revelou que, enquanto, inicialmente, 60% dos participantes demonstraram pouco entendimento sobre planejamento financeiro e consumo consciente, esse número caiu para 20% após a oficina. Além disso, 80%

dos estudantes relataram maior confiança em sua capacidade de gerenciar suas finanças pessoais.

Para visualizar os dados, as informações foram organizadas em tabelas e gráficos, facilitando a análise comparativa entre os questionários inicial e final. A Tabela 1 apresenta a evolução do entendimento dos estudantes em relação aos principais temas abordados.

Tabela 1 - Comparativo do conhecimento dos estudantes antes e depois da oficina

TEMA	ANTES (%)	DEPOIS (%)
Planejamento financeiro	35	85
Consumo consciente	25	80
Controle de gastos pessoais	20	75

Fonte: Dos próprios autores, 2024.

Os resultados estão de acordo com os achados de Silva (2014) e Gianetti (2005), que destacam a relevância da Educação Financeira como ferramenta indispensável para preparar os jovens para o mercado de trabalho e a vida adulta. Além disso, a abordagem prática e interativa adotada na Oficina mostrou-se eficaz em engajar os participantes e promover mudanças perceptíveis em suas atitudes financeiras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que a Educação Financeira, quando introduzida de forma prática e interativa no ambiente escolar, pode promover mudanças significativas no comportamento financeiro dos estudantes. A Oficina educativa demonstrou ser uma estratégia eficaz para ampliar o entendimento sobre planejamento financeiro e consumo consciente.

As contribuições deste estudo incluem a proposição de um modelo educacional replicável em outras instituições e a elaboração de uma cartilha eletrônica como produto final. No entanto, limitações foram identificadas, como o número reduzido de participantes e o tempo limitado para aplicação. Futuras pesquisas podem ampliar a amostra e explorar o impacto de ações contínuas de Educação Financeira.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. C.; CALIFE, F. E. A história não contada da Educação Financeira no Brasil. *In*: ROQUE, J. R. R. (Org.). **Otimização na recuperação de ativos financeiros**. São Paulo: IBeGi, v. 2, 2014. cap. 1, p. 1-11. Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp->

content/uploads/2014/08/A-hist%C3%B3ria-n%C3%A3o-contada-da-educac%C3%A7%C3%A3o-financeira-no-Brasil.pdf.

ANDER-EGG, E. **El taller una alternativa para la renovación pedagógica**. Buenos Aires: Magisterio Del Rio de La Plata, 2. ed., 1991. Disponível em: <https://uacmtalleresliterarios.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/01/el-taller-una-alternativa-de-renovacion-pedagogica.pdf>.

BACEN – Banco Central do Brasil. **Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)**. 2011. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2f%2fwww.bcb.gov.br%2fpre%2fpef%2fport%2fenef.asp>.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação financeira é tema de projeto piloto entre estudantes**. 2014. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20289-educacao-financeira-e-tema-de-projeto-piloto-entre-estudantes>.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 1, de 5 de janeiro de 2021. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diário Oficial da União**. Publicado em: 06/01/2021, Edição: 3, Seção: 1, Página: 19. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-cne-cp-001-2021-01-05.pdf>.

BUFFET, W. **Educação empreendedora**. 2023. Instagram: @warren_buffett_official. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BigN7HoHSb4/>.

FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de fatores comportamentais na propensão ao endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.21714/1984-6975FACES2013V12N2ART808>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

GIANNETTI, E. **O valor do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIMA, M. **Oficina Pedagógica como espaço formativo da docência**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação: currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2008. 187f. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/10080/1/Marceline%20de%20Lima.pdf>.

- MORAN, J. M. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.
- NASCIMENTO, J. da S. **Aplicação da pesquisa na educação financeira**. Belo Horizonte: Editora Educação, 2016.
- SILVA, M. C. **A importância da educação financeira na juventude**. Curitiba: Editora Saber, 2014.
- SOARES, S. S. D.; CARVALHO, L.; KIPNIS, B. Os Jovens adultos de 18 a 25 anos: retrato de uma dívida da política educacional. 2003. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea**. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2883>.
- VEBLEN, T. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das Instituições. Macmillan, 1899. Nova York. f. 81
- VIEIRA, E; VOLQUIND, L (2002). **Oficinas de ensino**. O que? Porque? Como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.